

Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada¹

Psychologists, Scientists and Feminists: the production of herself and a positioned psychological science.

Tayane Rogeria Lino²

Claudia Mayorga³

Resumo

A Teoria Feminista constitui uma dentre muitas das forças envolvidas no questionamento da pretensão universal e singular da ciência moderna. Esta perspectiva busca contribuir para uma reinterpretação da história da sociedade a partir do lugar social das mulheres. O presente artigo buscou conhecer a experiência de mulheres cientistas psicólogas feministas e compreender como estas têm integrado o campo científico, com atenção a como e por que têm produzido ciência psicológica. Em busca de trilhar caminhos para respostas, as interlocutoras desta pesquisa foram as professoras: Sandra Maria da Mata Azêredo (UFMG) e Jaileila de Araújo Menezes (UFPE). O tecer das histórias, ditas e escritas, formam teias de sentidos, e podem ser entendidas e interpretadas a partir de uma perspectiva feminista. As conclusões apontam que as cientistas investigadas têm anseios de construir outros modos de ciência em um movimento de invenção de si a intelectuais, constituem uma trama aberta de sentidos para a compreensão das relações sociais e dos processos de subjetivação dos sujeitos em suas pesquisas.

Palavras-Chave: Experiência; Teoria Feminista; Mulheres na Ciência.

Abstract

Feminist Theory is one of many forces involved in questioning the universal and singular claim of modern science. This feminist thought seeks to contribute to a reinterpretation of the history of society from the social place of women. The present article sought to know the experience of women feminist psychologist scientists and to understand how they have integrated the scientific field, with attention to how and why they have produced psychological science. In search of treading paths for answers, the interlocutors of this research were the teachers: Sandra Maria da Mata Azêredo (UFMG) and Jaileila de Araújo Menezes (UFPE). The weaving of stories, told and written, forms webs of meaning, and can be understood and interpreted from a feminist perspective. The conclusions point out that the investigated scientists have the desire to construct other modes of science in a movement of invention of themselves to intellectuals, constitute an open web of meanings for the comprehension of the subjects' social relations and subjectivation processes in their research.

Keywords: Experiment; Feminist Theory; Women in Science.

¹ A pesquisa que resultou neste artigo contou com o auxílio da bolsa de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Tayane Rogeria Lino é psicóloga social e clínica. Possui graduação pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

³ Doutora em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri - Espanha com foco em estudo sobre gênero, política e feminismo. É professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Coordena o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes na UFMG.

Os feminismos em suas proposições teóricas têm atuado de modo a desvelar a história da sociedade, atentando-se a como as mulheres passaram a ocupar, em um suposto caráter de destino, posições sociais subalternas na ciência, na política e no contexto social moderno. Para tanto, esse movimento têm ocupado as distintas esferas sociais e investigado as experiências existentes por detrás da produção de saberes e poderes. Pensando quais verdades tem angariado status de universal e qual projeto de sociedade está em jogo. Nestes termos as teorias feministas buscam contribuir para uma reinterpretação da história da sociedade a partir do lugar social das mulheres, se atentando principalmente à presença destas nas ciências e nas organizações políticas em torno do acesso à esfera pública no ocidente.

As feministas não foram as primeiras e, muito menos serão as últimas a elaborar uma crítica à ciência moderna (CALVELLI; LOPES, 2011; BANDEIRA, 2008). É sabido que distintas correntes teóricas do pensamento realizaram apontamentos sobre a universalidade, a neutralidade e a objetividade científica. Os estudos pós-coloniais, a teoria sociológica da ciência, os estudos culturais, a teoria crítica, a teoria pós-moderna, entre outros têm procurado contextualizar e criticar os saberes científicos, principalmente, os saberes que propõem formas de compreensão da sociedade e da civilização moderna (MENAFRA, 2007).

O pensamento crítico feminista tem origem no questionamento de uma racionalidade machista a qual estava/está submetida à ciência, e na denúncia do *ethos masculinista* na ciência. Assim, as críticas feministas versam em torno da naturalização da ciência como um lugar de homens e para homens, da suposta neutralidade científica, da presença da objetividade e universalidade atribuídas a este saber. Nestes termos, a proposta feminista consiste na recusa de balizas fixas, na não aceitação de totalidades universais interpelando ao dualismo entre sujeito/objeto, objetivo/subjetivo, pensamento/sentimento (RÂGO, 1998; ARRAZOLA, 2002). Somado a outras vertentes críticas, historiciza seus conceitos e compactua com uma ciência comprometida com a

realidade social e com as implicações políticas da produção científica. Acaba ainda por desafixar parâmetros permanentes de poder-saber e incorpora a dimensão da subjetividade aos pilares da produção científica. Assim, o que antes foi tido como pertencente ao âmbito do privado passa a fazer parte do campo público, político e científico.

Nestes termos, sujeito e objeto estão diluídos um no outro (DIAS, 1994; MAFFIA, 2002). A proposta feminista apresenta um campo estético em que o corpo deixa de ocupar o *locus* das margens e vai para o centro de uma discussão científica. Olha para as resultantes das investigações como uma produção contextual, histórica e relativa, além de "historicizar os próprios conceitos com que se tem de trabalhar" (DIAS, 1994, p.375). Propõe, assim, uma produção de saberes localizados (HARAWAY, 1995) que abandona a pretensão da universalidade e da verdade única, em outras palavras, não pode ser compreendida como a única forma de construir o conhecimento. Introduce novos sujeitos como atores e outros sujeitos como objeto de pesquisa (BANDEIRA, 2008), além de possibilitar a inserção de novos temas e questões. Podemos, rapidamente, nomear alguns: a sexualidade, o gênero, o corpo, a emoção, a discriminação, o preconceito, a experiência, entre outros (CALVELLI; LOPES, 2011), apontando para uma ciência posicionada, reflexiva e crítica.

Assim, o pensamento feminista constitui uma dentre muitas das forças envolvidas no questionamento da pretensão universal e singular da ciência moderna, sendo a única forma legítima de produzir e obter conhecimento científico. Esta constatação me aproximou de duas perguntas feitas por Lourdes Bandeira (2008): "Quais teriam sido então as especificidades ou particularidades da crítica feminista à ciência? Em que peculiaridade centrou-se a crítica feminista?" (p.209). Na busca pelas especificidades da crítica feminista à produção científica hegemônica em Psicologia estas são perguntas que guiam o caminho reflexivo deste artigo.

A produção de conhecimento científico e a experiência da vida não se apresentam como perspectivas dicotômicas. Ao contrário, o que tenho visto é que o pessoal é político

(HANISCH, 1969). O que aponta para a importância de pensar como as instituições científicas se construíram e quais as possibilidades de percebê-las como um espaço propício para a autonomia ou um espaço que normatiza e dociliza corpos e performances. O que temos é que a ciência, historicamente, se alicerçou na ilusão de que quanto mais próximo se chega ao 'centro do conhecimento', mais distantes estaríamos da subjetividade. A Psicologia, assim como outras áreas, principalmente do campo das ciências humanas, tem, no contemporâneo, questionado tal dualidade (FILHO; MARTINS, 2007), em que a relação entre produção de conhecimento psicológico, subjetividade e objetividade se apresentam como um contínuo em que:

a subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si (FILHO; MARTINS, 2007, p. 17).

Para Bruno Latour (2001), Kátia Maheirie (2002), Elis Bertozzi Aita e Marilda Gonçalves Dias Facci (2011), subjetividade e objetividade nunca se configuraram como pólos opostos, ao contrário, são facetas complementares. Sendo, desta maneira, necessária uma investigação que parta do pressuposto que subjetividade e objetividade são estruturantes na produção de verdades científicas, assim como vida e ciência também o são para este reconhecimento.

Foi neste contexto cabe o questionamento acerca da possibilidade da reinvenção de si a que Margareth Rago (1998) e Margaret MacLaren (2016), a partir de um projeto científico, propõem em suas perspectivas teóricas. Reconhecer a ciência como um lócus que possibilita a transformação do mundo, transformação esta que significa transformar a si mesmo, parte de uma perspectiva de ciência como contínuo e não como hiato entre o eu pesquisador/a e o eu sujeito/a. Transformar a ciência é transformar a própria prática. Não um depois do outro, mas sim os dois em um tempo equivalente. Esta não foi uma

tarefa fácil. Nestes termos, vale pontuar que ser feminista tem consequências e estas consequências não necessariamente nos estabilizam. Ao contrário, é justamente o movimento de desestabilizar a teoria e a nós mesmos/as.

Neste sentido, perguntas como "Qual a relação entre o feminismo e a construção do campo psicológico no contexto brasileiro?"; ou, "Como pensar a ciência e sua íntima relação com a sociedade brasileira para cientistas feministas?"; ou, "Se, e de que maneira, as inquietudes elaboradas pelo feminismo movimentam e colaboram para a escolha de teorias e metodologias investigativas de cientistas psicólogas?"; ou ainda, "Quais posicionamentos teórico-metodológicos caracterizam a produção acadêmica de psicólogas feministas no contexto científico da Psicologia brasileira?" vislumbram a importância de pensar a produção científica como a própria vida (FOUCAULT, 1992; RÂGO, 2013; MCLAREN, 2016).

Sendo assim, o artigo parte do princípio de que os processos de produção de mulheres cientistas feministas psicólogas tramam uma rede subjetiva de tecidos sociais, culturais, acadêmicos e políticos que ganham contorno a partir da lógica desse campo científico hegemônico (NUERNBERG, 2005).

Com este pressuposto buscamos investigar um conjunto de acontecimentos, vivências e trajetórias que produzem rede discursiva sobre as mulheres cientistas no campo psicológico que este estudo se processou. Ou dito de outro modo, o percurso buscou análise dos conjuntos de enunciados ditos e não ditos, que se apoiam nas compreensões das formações discursivas em torno dos sentidos atribuídos ao processo de produção científica de feministas no campo *psí*. Para tanto, investigamos um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência, oriundos dos currículos lattes, produção acadêmica e entrevistas. Não procuramos, ao contrário da análise de uma história contínua, forçar conceitos universais que, com frequência, considera os conteúdos vivenciais como meramente acidentais. Assim, consiste, não em analisar a história e os conteúdos acerca da realidade como total e absolutos, considerando o relato um todo real, mas sim, em conhecer os processos de

significação das vivências e acontecimentos que compõem a trajetória das interlocutoras e produzem suas experiências. Experiências estas que são constituídas relacionalmente a partir de uma escrita de si no mundo e que se dá no percurso de darmos conta dos processos históricos que compõem e atravessam o discurso, posicionando os sujeitos. Nestes termos, o que busco dizer, no diálogo com Joan Scott (1999), é que não é o indivíduo que têm experiência, mas sim, os sujeitos, que passam a existir quando imersos nos processos de subjetivação, que são constituídos através da experiência. Ou, ainda, é a experiência, o processo de significar o vivido, acontecido, visto, que produz o sujeito.

A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento (SCOTT, 1999, p. 28).

Isso significa historicizar a história, desindividualizá-la. Em outros termos, é pensar que são as vivências do cotidiano, tudo que compõe a experiência do viver que constitui a história, e é a significação e ação diante disso que produz a experiência, assim como as identidades que ela produz.

Assim, o que esteve em jogo aqui foi pensar a experiência como um conjunto dos processos das interlocutoras no ato de contar e se contar, tendo como ponto de partida o questionamento sobre como e por que elas produzem ciência psicológica. Trazendo à tona, nos termos proposto por Michel Foucault (1999), os “saberes sujeitados”, que “são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer” (FOUCAULT, 1999, p.11).

Para isso, nos propusemos pensar as entrevistas e as análises de seus *currículos lattes*, bem como suas produções científicas, como uma organização de instrumentos, que auxiliados pela proposta teórico-metodológica genealógica, na qual caberia a mim organizar o conjunto de vivências e acontecimentos de maneira não linear, mas sim dialógica, para com isso, construir condições de possibilidade de acesso às análises das

experiências das interlocutoras. Nestes termos, voltar-me para a trajetória das interlocutoras, tem um conteúdo de historicização, mas que implica em uma análise crítica dos elementos explicativos que a compõe, para tanto lancei mão da categoria experiência (SCOTT, 1999). Não deixei de me atentar às armadilhas que a utilização do termo sem uma conceituação pode trazer, busquei ser cautelosa com os seus usos, escapando de utilizá-la, como aponta Joan Scott (1999), como autoevidente. Trocando em miúdos, as entrevistas e os escritos são o como, já a genealogia é a forma e a experiência, o porquê.

Os relatos apresentados nas próximas sessões, pretendem não apenas enumerar os fatos, vivências, acontecimentos, experiências e uma vasta produção durante toda uma trajetória acadêmico-científico, mas, sobretudo, o explicitar de um conjunto de princípios que nortearam, esclareceram/escureceram inserções, interações e significações na vida acadêmica nos seus diferentes âmbitos – ensino, pesquisa, extensão, comunidade e saberes. A investigação pelos processos de significação das vivências e a transformação de vivências e acontecimentos em experiências exigem um olhar que vai das margens ao centro e reconfigure os centros. Para tanto, a perspectiva genealógica será nosso instrumento, o modo de escrever e contar as trajetórias, assim como desenvolver caminhos para novas perguntas a partir das proposições foucaultianas.

A genealogia, teorizada por Michel Foucault (2011), rompe com a compreensão de que a vida se dá como uma história contínua, linear, na busca das origens e semelhanças em uma tentativa de estabelecer relações causais. Ao contrário, reconhecemos as vivências das pesquisadas como resultante de dinâmicas de poder e saber, composta de práticas discursivas e processos de subjetivação. Coube a nós, no exercício de contar e me haver com a multiplicidade de acontecimentos dispersos, alguns deles raros, e todos singulares e heterogêneo. Nessa perspectiva, não buscamos as origens primeiras, mas a emergência, a análise dos acontecimentos (FOUCAULT, 2011).

O exercício de conhecer as trajetórias das interlocutoras a partir da perspectiva genealógica é paciente e documental, atua com riscados, rabiscos, risadas, histórias mal contadas, entrelinhas, e é o resultado de escritos e reescritos (FOUCAULT, 2003). O que

caracteriza, indubitavelmente, no ato de demorar-se, atentar-se de um sujeito desejante. Constitui, assim, um campo de possibilidade e disputa acerca da produção de uma história única e ganha *status* de verdadeira. Na contramão disso, marcam-se as singularidades dos acontecimentos, e evidenciam-se as dinâmicas de poder. Materializa, então, o processo de lançar-se no interesse sobre aquilo que é tido como sem história e considerado fora dela (FOUCAULT, 1979) em busca da experiência. Buscar as experiências de mulheres cientistas feministas psicólogas, lançando mão da genealogia, resulta, dessa forma, no processo cauteloso de descrever as práticas datadas historicamente, ou ainda, no conjunto de acontecimentos das histórias singulares e subjetivas dos sujeitos (AZERÊDO, 2011). Entendendo que nos processos de subjetivação não há uma constante que os relacione. Estes acontecimentos são reconhecidos, então, como mecanismos psíquicos, políticos e sociais do poder e dos efeitos do discurso (FOUCAULT, 2003).

A genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico (FOUCAULT, 1979, p. 172).

No ato de contar-se, as pesquisadas estão inscrevendo-se na história em um processo que resultou em uma escrita de si (RÂGO, 1998). Ao pensar e impensar as dinâmicas de poder e seus efeitos na trajetória de vida de cada uma, acessamos as realidades produzidas e fabricadas pelos saberes, que criaram modos de ser e saber.

Em meio ao vai e vem das histórias, encontros e desencontros, possibilidades e desafios, um conjunto de posições foram se construindo ao ver, ouvir e ler as cientistas psicólogas. Mulheres que se afiguraram em um quadro composto de cores de Frida Kahlo, e nos convidam a percorrer suas trajetórias, prestando atenção em cores, num passeio pelo escuro, em que fui guiada, tentando prestar muita atenção no dito e no não dito, nas escolhas e no desejo. E como uma segunda pele, fomos nos vestindo delas e

pensando sobre elas, muitas vezes com elas, em entrevistas que se manifestaram como boas conversas que agora emanam reflexões prontas para eclodir.

Siguimos, agora, com a apresentação dessas mulheres que escolheram em suas trajetórias estabelecer o diálogo com a sociedade a partir da ciência psicológica. São elas: Sandra Azerêdo (Universidade Federal de Minas Gérias) e Jaileila Menezes (Universidade Federal de Pernambuco). Duas mulheres em distintos momentos profissionais. De gerações distintas, diferentes encontros com o feminismo, em momentos diferentes nas carreiras, com vínculos institucionais diferentes com as Instituições de Ensino Superior (IES), que por sua vez possuem históricos distintos. À medida que fomos nos conhecendo, seja a partir das entrevistas, dos *currículos lattes*, ou do acesso aos seus textos, os processos de escrita e aproximações teóricas, metodológicas e políticas de cada uma se tornaram evidentes. As entrevistas foram o recurso metodológico escolhido com o intuito de possibilitar a investigação das experiências das investigadas como acadêmicas. Já a análise da produção acadêmica das intelectuais escolhidas teve como finalidade compreender como falam, onde falam, o que falam e quando falam. Para tanto, foram desenvolvidas diferentes técnicas a fim de estabelecer conexões capazes de ampliar o campo do possível no processo de investigação.

Cabe ressaltar que mais “do que seguir protocolos analíticos rígidos e pré-formatados, há que manter abertas sempre as alternativas interpretativas e, num processo lento e estruturado, por sucessivas aproximações, procurar estabelecer as possibilidades de proximidade significativa contidas nos dados a trabalhar” (MENDES, 2003, p.20). Assim, elegi metodologias que buscam uma proximidade com a dinâmica própria de vivência da experiência das interlocutoras, sempre ciente da complexidade do campo de estudos no qual me lanço, e de suas proposições teóricas acerca das metodologias qualitativas que, segundo Maria Minayo (2006), se aproximam do reconhecimento da subjetividade e do simbólico como partes integrantes da realidade social, do indissociável imbricamento entre subjetivo e objeto, entre atores sociais e investigadoras/es, entre fatos e significados, entre estruturas e representações.

A ideia aqui foi compreender como a vida profissional, pessoal, familiar e as vivências dialogam com as escolhas científicas das pesquisadas, visto que muitos estudos afirmam que ao analisar a população feminina com curso superior, há uma dificuldade em conciliar vida pública e vida privada (LETA, 2003; TAVARES, 2008; TABAK, 2002, 2006; SCHIENBINGER, 2008; VELHO; LEÓN, 1998; LIMA, 2002; MELO; LASTRES, 2006). O que nos interessa aqui é como estes dois lugares se conectam à rede de sentidos que produzem o como e por que as cientistas fazem ciência.

A aventura de tornar-se uma acadêmica negra: Sandra Azerêdo

Sandra Maria da Mata Azerêdo⁴ é uma mulher negra, mãe e avó. Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, tornou-se professora titular em 2009 e aposentou-se no ano de 2016. É uma pesquisadora comprometida com as questões de gênero na interface com a Psicologia, principalmente no que se refere aos estudos sobre violência contra as mulheres e as intervenções grupais. Nos últimos anos, tem dedicado seus olhares, saberes e fazeres ao feminismo e à interface entre gênero, raça e etnia.

Construiu uma trajetória acadêmica em que, bebendo em diferentes fontes e abordagens da Psicologia, manteve-se sempre curiosa e atenta às diversas possibilidades de investigação do sujeito. Para ela, uma conexão entre a Psicologia Social Latino-Americana e a clínica psicológica sempre esteve presente, "eu sempre fui social e clínica, neste sentido de tentar juntar o sujeito à questão política" (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018). Sandra atribui este trânsito, que não se deu de maneira ingênua, pelo contrário, se fez a partir da aproximação dos conceitos de sujeito e sociedade, de distintas abordagens, à liberdade de pensamento, a qual sempre lhe foi característico, "eu sempre fui muito livre e ser livre me permitiu muito" (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018). Esta permissão, que é a sensação de

4 O currículo lattes de Sandra Azerêdo pode ser acessado em: <http://lattes.cnpq.br/8397655698796064>

liberdade do pensado, resultou em uma produção que pôs em diálogo a literatura, a música, o cinema e a arte em suas produções. É a vida cotidiana que interessa e instiga esta pesquisadora. É ali, no corriqueiro, nos espaços que ocupa, no trajeto universidade/casa feito sempre, por questões ideológicas, por meio do transporte público; nos diálogos que estabelecia com os funcionários técnicos administrativos da UFMG; nas inquietações das notícias da TV, jornal e revista; na sala de aula com seus alunos e alunas; no colegiado e nas reuniões departamentais com seus colegas e em tantos outros espaços, que ela encontra o sentido da escrita. Em vários momentos, a pesquisadora agradece aos alunos e alunas do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFMG, aos colegas de área, aos estudiosos de outros campos e aos amigos/as que contribuíram para o desenvolvimento das ideias discutidas no trabalho produzido.

A perspectiva da alteridade marca sua trajetória, o que fica explícito especialmente no texto, *Era uma vez... uma análise*, de 2003, publicado na revista científica *Cadernos Pagu*. Nesse texto, Sandra, que compartilha com todos e todas parte do seu diário, onde relata uma experiência de análise vivida como um testemunho “de que é possível sair de uma situação de violência de gênero” (AZERÊDO, 2003, p.205). A proposição de que todas as mulheres estão submetidas a um sistema de gênero desigual e violento, tão firmada por Sandra em sua trajetória acadêmica, se materializa aqui no explicitar de que ela também foi uma destas mulheres. Assumir uma posição de falar sobre isso, tanto no lugar de vitimada quanto de investigadora, horizontaliza as relações entre sujeito e objeto, além de humanizar o *lócus* ‘do cientista’. O que Sandra parece fazer com a publicização, do que muitos chamariam de intimidade é, em verdade, a produção de um conhecimento que se dá no cotidiano e junto, sobre um nós que se forma todos os dias. Assim, mais do que dizer que Sandra é uma dessas mulheres, há de se destacar aqui que ela se implica e explicita que é sim uma dessas mulheres. Bem a fundo, todas nós somos essas mulheres. A diferença está em explicitar esta posição. Assumir que é uma dessas mulheres desconstrói a dicotomia sujeito/objeto e ao mesmo tempo se responsabiliza.

Sandra formou-se em plena ditadura militar no Brasil, e aposenta-se em meio ao golpe de estado no fim do ano de 2016. O primeiro momento é marcado pela perda dos direitos civis da população com a substituição do regime democrático pelo regime militar, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país, tendo se estendido por 20 anos, período no qual, entre idas e vindas, Sandra foi professora, pesquisadora e ativista. O segundo, resultante do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, eleita e reeleita democraticamente. O afastamento definitivo da presidenta acusada de praticar uma manobra contábil, as chamadas “pedaladas fiscais”, foi mais um capítulo importante na história política brasileira e nas vivências de Sandra, que neste momento sai do país com destino aos EUA para desenvolver estudos e ministrar um curso no outono de 2016, com uma bolsa da *Fulbright*. Para Sandra, este conjunto de acontecimentos no cenário político e da democracia brasileira marcam sua trajetória e interesses científicos: “Minha trajetória, se formos parar para pensar, vai de um golpe a outro. E eu muito mobilizada por isso” (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Graduou-se em Psicologia em 1969 na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, para onde, mais tarde, já casada e com dois filhos, retornou como professora. Kursou o mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro de 1970 a 1975, quando defendeu a dissertação intitulada *O papel do diagnóstico psicopatológico em julgamentos criminais: estudos de 05 casos legais*, sob orientação de Monique Augras. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, teve incentivo científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. O referido tema de pesquisa foi abandonado anos depois, ao se dedicar às investigações que estabelecem um diálogo com a Psicologia a partir do que ela vai pontuar como encrenca de gênero. Durante o período de mestreamento, Sandra viaja para os Estados Unidos da América com o companheiro que desenvolveria o doutorado no exterior. Este parece ser um momento fundamental na sua aproximação com as teorias feministas, já que é neste

período que ela começa a pensar que seu ativismo anti-machismo e sexismo no campo político poderia se dar também no campo científico.

Eu volto com algumas ideias interessantes para o Brasil, mas não eram tão feministas, não. Eu concluo a minha dissertação de mestrado e continuo dando aula na PUC Rio. Eu sempre gostei de dar aula. Eu continuo lendo as produções feministas e em um momento eu falo, não, eu quero estudar com estas mulheres, eu quero saber mais sobre teorias feministas. Nesse momento eu me apaixono pela teoria feminista, com isso, o feminismo passa a fazer parte da minha produção acadêmica. Meu projeto de tese, já é claramente feminista, já estava interessada em investigar gênero (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Alguns anos após seu mestrado, Sandra retorna aos EUA, agora para estabelecer vínculos acadêmicos na Universidade da Califórnia. No ano de 1981, Sandra conhece Donna Haraway, que passa a orientá-la no seu Doutorado em *History of Consciousness*, tornando-se amiga e uma de suas maiores provocadoras.

É finalmente, em 1981, quando eu vou para os Estados Unidos, para desenvolver meu doutorado que eu me encontro. Porque era de um programa sobre a história da consciência. Ninguém sabe muito bem-dizer o que é consciência, mas é um programa de história e não existe ciência sem história com a Psicologia e autoconhecimento. E lá eu encontro o feminismo. Eu já era ativista aqui em 1971, eu comecei a militar (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

O processo de retorno aos EUA para seu doutoramento veio acompanhado de grandes interpelações, e talvez tenha sido lá, na interlocução com Donna, que ela tenha se tornado negra. Esse movimento constitutivo e identitário passa, então, a marcar sua produção. Como bem aponta “Eu, Sandra Azerêdo, com uma mãe negra e um pai branco fui vítima desta ideologia, até 1981” (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018). O mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento produziram efeitos que ela mesmo pontua:

É muito interessante quando você é vítima de uma coisa e depois você critica. Eu não achava que o racismo acontecia, eu não sabia que eu estava no processo de embranquecimento. É crucial para mim quando eu coloco a questão racial junto com o feminismo, disso eu não abri mão mais e em meus últimos escritos, disciplinas, eu tenho entrado muito nisso (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

O envolvimento com a política, que se manifestara desde o momento em que escolhe Psicologia no vestibular, ultrapassa a barreira de vida provada e passa a ocupar seu interesse científico. Nestes termos, afirma que o que a atraiu na Psicologia:

(...)foi a possibilidade de ter contato com a subjetividade na luta política, eu não me interessava apenas pela luta política, mas foi o que me chamou atenção, eu achava que a Psicologia podia me dar esse acesso e continuo achando que pode (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Em 1986 defende a tese intitulada, *Representations of Sexual Identity and Domestic Labor: Women's Writings in Brazil, Marroco and the United States*⁵. Sendo, durante todo o período, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, e tratando das representações da identidade sexual e do trabalho doméstico.

Em 1994, Sandra é aprovada no concurso para professora adjunta de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais. Ao olhar para esse momento de sua trajetória profissional, se considera uma pessoa de sorte. Por outro lado, eu diria que a aprovação foi o resultado de um processo exaustivo de conciliação entre o trabalho como docente em uma instituição privada de ensino superior, a educação dos filhos, gestão do lar e da vida cotidiana. “Eu sou aprovada no concurso aqui em 1994. Mas eu só começo a dar aula no ano seguinte. É que eu tenho a sorte, ainda era bem tranquilo a questão de dar aula” (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

5 Representações da identidade sexual e do trabalho doméstico: escritos de mulheres no Brasil, Marrocos e EUA (Tradução nossa).

Foi uma defensora aguerrida da graduação e uma crítica a lógicas institucionais que priorizavam a pesquisa em lugar da docência e da extensão, deixando claro sua compreensão de que o tripé ensino, pesquisa e extensão só se sustenta com a dedicação aos três elementos. Questionou de maneira incisiva a lógica produtivista da academia contemporânea e afirma que um dos pontos que tem sido negligenciado pelas agências de fomento do ensino superior é a importância do tempo para a produção acadêmica. Todo esse tensionamento resulta em sua saída do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais alguns anos antes de sua aposentadoria.

Produzir conhecimento sempre foi seu desafio e o fez no diálogo entre a Psicologia e o feminismo, a partir de linhas de pesquisa voltadas para estudar a construção da identidade na interação social, a produção da subjetividade como fenômeno ético e estético se atentando ao conceito de identidade nas relações de gênero e raciais, saúde reprodutiva, direitos sexuais e reprodutivos. O interesse nestas linhas de pesquisa resultou em uma vasta gama de pesquisas e extensão ao longo de toda sua carreira.

Ciência, maternidade e a invenção de si: Jaileila Menezes

Jaileila de Araújo Menezes,⁶ uma intelectual de sorriso aberto, desmistifica o essencializado lugar da cientista, apresentando-se como alguém que deseja pensar junto. Acredita que a produção científica se faz em conjunto, em diálogo e, para isso, reconhece a todos ao seu redor como interlocutores aptos. Serena, curiosa e firme. Investe na reinvenção do espaço da sala de aula, em um trânsito pela Pedagogia e Psicologia. Rompe com estruturas muito fixas do conhecimento, tanto nas suas formulações científicas, quanto na maneira que ensina e divulga conhecimento. Heterodesignada como uma acadêmica insubordinada, pela forma que estabelece suas pesquisas e pensa o espaço institucional.

6 O currículo lattes de Jaileila Menezes pode ser acessado em: <http://lattes.cnpq.br/5042948325884329>

Uma professora, psicóloga, mãe, cearense e negra. Sem histórico familiar intelectual, mantém-se muito ligada à produção estética do corpo, o que resulta na sua produção corporal como instrumento de fala e ato.

Compreende a maternidade como um momento importante em sua trajetória pessoal e acadêmica. Como parte de um movimento de se jogar em mar aberto no qual, ao velejar, pode disciplinar-se metodologicamente, utilizando os instrumentos de orientação para chegar a algum lugar como mãe, acadêmica e mulher.

Professora associada nível III da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada ao Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL).

A minha formação pela Psicologia foi atravessada pela maternidade. Me trouxe um senso prático muito grande, veja, o senso prático era: “eu estou em um curso e quero aproveitar todas as oportunidades que ele pode me oferecer”. É claro, que estando grávida, e não foi uma gravidez esperada, desejada, fez emergir todas as dúvidas. O que exigiu de mim uma lucidez muito grande que se expressou através de um ato. Conversei com a minha mãe sobre o que tinha acontecido e ela percebeu como seria fácil eu desistir de tudo por conta da situação que eu estava vivendo. E depois desta conversa minha mãe me presenteou com a coleção completa das obras de Sigmund Freud. E nessa época a coleção era um sonho de consumo de todos os estudantes de Psicologia. Então, esse ato simbólico era uma forma dela me dizer que eu deveria continuar. E eu fiz (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

A descoberta da gravidez e a decisão por dar continuidade a gestação resultaram em muitos momentos em que ela teve que fazer escolhas não previstas. A primeira grande dificuldade foi manter-se na graduação em Psicologia diante da maternidade, a qual trouxe uma bagagem de conhecimentos, vivências, normativas, valores, crenças e

motivos que configuraram o seu modo de ser e agir no mundo. Dentre as necessidades que surgiram diante das múltiplas tarefas associadas à maternidade, o cuidado com o lar, a graduação em Psicologia e o casamento, o seu senso prático foi aguçado:

A minha filha, eu a tive de sete meses, eu estava no primeiro período de Psicologia. Ela nasceu no hospital da universidade, todos os meus professores apoiaram. Ela teve uma infecção muito grave que a deixou entre a vida e a morte (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Ao contrário de outras mulheres cientistas que vão buscar na primeira infância ou nas memórias uma forma de significar o processo de escolha pela profissão e pela ciência, Jaileila escolhe compartilhar sua história a partir do marco que para ela evidencia uma reviravolta em seu processo de escolha e da configuração dos desejos a maternidade.

Está tudo muito misturado. Na verdade, falar da Psicologia, é falar de uma escolha que se deu no momento geracional esperado, lá pelos meus dezessete anos, onde era o momento de decidir o que se quer estudar, qual o curso a prestar no vestibular. Eu nem tinha muito recurso para fazer essa escolha, eu não sei, acho que algo deste saber me chamava. Não era propriamente uma escolha consciente sobre o que eu encontraria no curso (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Conciliar a maternidade com a vida social e profissional é um grande desafio. Ser mãe, estudar, pesquisar, foi parte das tarefas de Jaileila. Para tanto, contou com o auxílio e parceria de seus pais, mas, principalmente, de sua mãe. Sua trajetória aponta para uma grande organização e planejamento para conciliar as tarefas diárias. Conciliar as exigências da vida acadêmica com as responsabilidades familiares implicou em jornadas exaustivas de trabalho.

Embora contasse com uma rede de apoio familiar, eram suas as responsabilidades pela saúde, educação e cuidados infantis. Ainda que dividindo algumas atividades, havia

um excesso de responsabilidades que a deixava em desigualdade no campo do desenvolvimento científico, e com uma grande sobrecarga emocional.

Mesmo a universidade sendo um espaço de horários mais flexíveis, com uma rotina que pode ser, por vezes, mais maleável e com algumas tarefas podendo ser feitas em casa, ter uma criança pequena muda essa perspectiva, uma vez que desenvolver tais atividades requer alguma concentração, além de demandar tempo e atenção. Assim, é sempre mais difícil conciliar o exercício da maternidade à vida acadêmica.

Eu fui abrindo todas as portas possíveis ao longo do meu percurso, porque eu sabia que eu tinha que me focar em portas que fossem garantir a minha sobrevivência. E seria muito bom que estas portas que me garantiam a vida estivessem alinhadas ao meu gosto por estudar (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Sua percepção sobre uma possível vida acadêmica no *campo psi* tinha duas questões como centrais, a primeira era a necessidade de constituir um campo financeiro possível para o cuidado da filha e uma possível ruptura do casamento. Já a segunda, estava ligada à possibilidade de viver outras realidades distantes da sua, através da leitura e imersão no pensamento de autores do *campo psi*, ou dito de outro modo, era uma forma de manter-se afastada de um relacionamento opressor e infeliz, uma válvula de escape de suas vivências no âmbito doméstico, sendo a possibilidade de configurar sonhos e o exercício da liberdade. A leitura abarcava, então, duas possibilidades: evadir para sonhar e inserir-se para modificar.

Eu tinha uma vida fora dos livros que era sofrida, barulhenta, cheia de demandas, mas assim, quando eu entrava dentro do livro eu estava vivendo outra vida, uma vida de privilégio. (...) os autores que eu acessava na época do PET eram de alguma forma minha salvação, eu pensava “gente isso aqui é muito bom” (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

No ano seguinte ao término da graduação, Jaileila prestou seleção para professora substituta na Universidade Federal do Ceará, onde ministrou as disciplinas de Psicologia Experimental, Psicologia da Percepção e Introdução à Psicologia no curso de graduação em Psicologia. “Aí era isso, a exaustão, era tudo ao mesmo tempo e agora, a maternidade, dar conta de muitas disciplinas e eu tinha, sei lá uns vinte e quatro anos” (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Jaileila migrou para o Rio de Janeiro para cursar o mestrado na UFRJ. Sozinha, passa a viver na casa de uma tia que a acolhe. Depois viveu um tempo ainda com o marido, que fazia o mestrado interdisciplinar, mas, no fim, seguiu sozinha. Sobre esse período, afirma que perceber-se como externa, de fora daquele lugar, foi difícil.

Motivada por essa leitura, passa a investigar subjetividades contemporâneas guiadas pelos manuais práticos de autoajuda. Com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, condição *sine qua non* para o desenvolvimento da pesquisa e manutenção em outra cidade, defende a dissertação, intitulada *Literatura de autoajuda: uma perspectiva de produção da subjetividade na contemporaneidade*, orientada pela professora Dra. Lúcia Rabello de Castro, tornando-se mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1999. Nesse trabalho, aborda questões ligadas à interioridade psicológica, literatura de autoajuda e subjetividade. Para tanto, entrevistou mulheres que faziam uso da literatura de autoajuda no cotidiano de suas vidas.

Eu acho que meu interesse por esse tema tinha a ver com esse meu desejo da praticidade que a maternidade me trouxe e a autoajuda tinha uma coisa, que aparecia muito na fala das minhas entrevistas. A autoajuda é uma prática, tem um senso prático, de auto-observação, um senso de construção de si, “o que fazer”, “como me controlar”, “como chegar lá”, “como se avaliar” (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Com essa investigação, passa a se interessar sobre a politização de si, já que compreendia que, por mais que a literatura de autoajuda tivesse um conjunto de prescrições, ela auxiliava as mulheres que a lia a construir seus percursos de maneira mais autônoma. Era, portanto, uma apropriação, que para ela, tratava de uma invenção de si, pois dava espaço para criação, inventividade, construção de si. Em decorrência disso, aproximou-se da investigação sobre práticas políticas de si no campo público, o que resulta no estudo de doutorado sobre subjetivação política.

Jaileila parece estabelecer uma relação intrínseca entre a produção intelectual e determinadas condições materiais de existência. Ela precisava ter como se prover financeiramente e ter um teto todo dela, além disso, ela precisava reconhecer sua agência, sua resistência, sua existência. Ao escolher a escola, a periferia, gênero, juventude, vivência, sexualidade, movimentos sociais, subjetivação política, pretendeu mesmo escrever sobre 'os outros', mas também sobre ela.

Dois anos após iniciar o doutoramento na UFRJ, tornou-se professora da graduação em pedagogia, especialização em psicopedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú, ministrando disciplinas de Psicologia da aprendizagem, orientação educacional; Psicologia da infância e adolescência; e Psicologia social e psicopedagogia. Manteve-se lá até o ano de 2004, quando migra para a UFPE para a graduação e pós-graduação em Psicologia. A nomeação como professora da UFPE foi o passo decisivo para o rompimento do casamento e para o processo de empoderamento de si, resistindo à cultura patriarcal, buscando poder e autonomia sobre a própria vida, tornando-se economicamente e emocionalmente independente e satisfeita ao gerir sua carreira.

Já como professora do curso de Psicologia da UFPE, desenvolveu um amplo conjunto de atividades científicas, docência, iniciação científica, projetos de pesquisa e extensão, orientação de monografias, trabalho de conclusão de curso, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Foi membro de corpo editorial dos periódicos *Psicoperspectivas (online): individuo y sociedade* e *DESidades*, revista eletrônica de

divulgação científica da infância e juventude, na qual ainda se mantém. Foi também revisora do periódico Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso).

Na atualidade, tem se interessado em ofertar disciplinas que abordem temas ligados aos processos de Subjetivação na adolescência e juventude, metodologias e teorias do campo-tema juventude, práticas coletivas, participação política, pesquisa intervenção a partir de aspectos psicossociais, relações de poder, subjetividade e ação coletiva na contemporaneidade. Para isso, dialoga com estudos do campo feminista, juventude, metodologias interventivas e relação sujeito e sociedade.

Mantém-se atenta à compreensão das desigualdades que atravessam a vida cotidiana dos e das jovens no campo da sexualidade e da cidade, entendida como uma potência política, em uma investigação com foco nos processos de constituição de sujeitos políticos. Jaileila tem significado o desenvolvimento do seu pensamento a partir de uma Psicologia social comprometida com a produção de conhecimento localizado (América Latina, Brasil, Nordeste).

Os significados e práticas que dizem respeito à gravidez na adolescência e juventude para mulheres jovens e suas redes de convívio compõe o escopo de interesse da pesquisadora. Seus estudos têm apontado para o empoderamento de mulheres, no diálogo com políticas públicas. Outro enfoque em suas investigações é a realidade das e dos jovens pobres da periferia da capital e de uma cidade de médio porte de Pernambuco, principalmente no que se refere a organização político-cultural e aos direcionamentos e ressignificações dos seus projetos de vida.

A inserção da juventude no contexto do Movimento Hip Hop tem especial significado para Jaileila. Neste campo de estudo, questões ligadas ao gênero, à raça, à sexualidade e à territorialidade se fizeram presente e trouxeram desafios epistêmicos e metodológicos para ela e para a ciência que compartilha. Em um campo instigante e tenso, foi interpelada quanto a seu lugar como pesquisadora e a função da pesquisa para os sujeitos pesquisados. Diante disso, precisou se reinventar, o que resultou em um intenso processo de ressignificação.

Jaileila se mantém atenta à associação de categorias sociais que compõe os sujeitos, debruçando-se no conceito de interseccionalidade e afirmando a necessidade de perspectivas teóricas e metodológicas que permitam articular modos de construção de saberes outros sobre as questões de gênero, que vão para além de um olhar isolado se atentando a teorias que sejam comprometidas com uma prática política.

Sua prática científica tem versado sobre os modos de produzir conhecimento no campo das juventudes, se interessando principalmente na produção e divulgação de experiências de pesquisa e extensão que abordam questões 'enigmáticas' no contexto das intervenções psicológicas no cotidiano, tratando a importância de construir metodologias que se ancorem na horizontalidade e permita que o/a pesquisador/a olhe para o próprio processo durante sua ação/investigação.

Tem um longo caminho de produção intelectual, sendo mais de setenta publicações, entre artigos e capítulos de livros, em sua maioria escritos com colegas de área e orientandas/os. Suas últimas publicações têm se dedicado às implicações políticas e éticas da pesquisa em psicologia com temáticas ligadas ao gênero, à juventude, à sexualidade, à pobreza e ao contexto geográfico. As relações étnico-raciais, no contexto da educação, também se apresentam como tema de interesse, assim como a ideia do exercício do poder, as hierarquias sociais e desigualdades.

Para Jaileila, falar sobre o processo de construção de sua trajetória profissional, que está diretamente ligada às vivências da sua vida familiar, no desenvolvimento de pesquisas sobre direitos sexuais e reprodutivos, é uma importante ferramenta para a quebra do silêncio entre mulheres. É a ruptura com o próprio pacto do silêncio, a fim de colaborar "para os desbloqueios possíveis que influem na produção acadêmica".

Foi muito importante para mim nomear o que eu vivi como violência. Não era amor, cuidado. O feminismo me ajudou muito nisso: me mostrar que eu gastei muita energia para me manter em uma posição, sustentar uma relação (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

A trajetória de Jaileila é marcada por dilemas quanto à ruptura das representações sociais e dos modelos em torno da maternidade e da vivência da conjugalidade, pela configuração de poder baseada em uma normativa androcêntrica e sexista, que se materializou com violência sobre seu corpo e mente, sendo o desenvolvimento científico sua busca por liberdade de pensamento, ação e autonomia financeira e emocional. É evidente que o direito à ciência não se traduz em processos de igualdade no acesso à educação, e em particular ao ensino superior. Para as mulheres, mães, é evidente as dificuldades de manutenção e permanência no ensino superior e o desenvolvimento da saúde mental durante sua formação, bem como no que refere ao ingresso na carreira científica, o que configura como um desafio o rompimento das estruturas simbólicas. Mesmo sob os efeitos de poder, Jaileila constrói uma carreira acadêmica no campo *psi* sólida e com notório avanço nos degraus para a considerada excelência de produtividade e o desenvolvimento científico.

Na atualidade, tem produzido conhecimento em Psicologia a partir dos princípios teóricos da Psicologia social e política em interação com o feminismo, estudos raciais e sobre juventude. Tem se dedicado a estudos que dialoguem com temas tais como participação política juvenil, juventude, direitos sexuais e direitos reprodutivos e interseccionalidade.

Mas afinal o que elas pensam sobre si e sobre a ciência psicológica?

A experiência como uma categoria analítica do feminismo tem uma contribuição imprescindível para a configuração do conhecimento teórico-ético-político dos conceitos de transformação e da escrita de si. Para tanto, algumas perguntas se fazem indispensáveis: como se deu o percurso histórico de investigação da experiência? Qual a função e o papel da experiência nas práticas investigativas? Quais usos são feitos desse termo, não apenas para as feministas, mas para a produção de conhecimento em ciências humanas? E para a Psicologia? Por que usar a experiência como categoria de análise para se pensar o 'humano'? Como temos significado a experiência? Pensar a experiência

equivale a pensar uma vivência individual? Ou ainda, a experiência é uma evidência comprobatória?

Joan Scott (1999) compreende que a experiência é, justamente, a capacidade e possibilidade de significação de um conjunto de vivências e acontecimentos associados ao contexto sócio-histórico que transformam a experiência em uma categoria de análise social, de gênero, sexualidade, raça, classe, território e tantos outros. Nesta perspectiva, os marcadores identitários produzem vivências e acontecimentos, que, localizados em um determinado momento cultural, social, coletivo e individual, transformam-se em experiências. Assim, sem reflexividade não há experiência, mas sim uma vivência. A experiência seria, então, a resultante de um processo de autorreflexão e conhecimento, como podemos ver nas palavras de Paula, ao pensar sobre o processo de reconhecimento social a partir dos marcadores que compõem os sujeitos.

Nestes termos o significar é, em si, o experienciar. O que se afirma nesta compreensão é que o uso da noção de experiência é a recusa de uma perspectiva essencialista, não incorrendo no perigo de tomar a experiência como autoevidente e um acontecimento como *a priori* explicativo. A experiência, e o conhecimento produzido a partir dela, rompe com a visão do sujeito individual e visa explorar “como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo” (SCOTT, 1999, p. 4).

Assim olhar para a trajetória das teóricas, é reconhecer que a ciência psicológica que elas produzem, compartilham e desejam, tem a ver com a percepção e significação social de suas vivências e ausências. Desse modo, os encontros teóricos, de amizade e orientação, se apresentam nos relatos de Sandra Azerêdo como sua ponte de virada e de significação. Viver em um outro país, imersa nos movimentos da virada entre a segunda e terceira onda do feminismo, racializou seu corpo e teorização. Perceber as vivências como parte de um sistema racial brasileiro, injusto, que licencia as desigualdades, resultou na experiência de tornar-se negra. Uma teórica negra.

Quando voltei dos EUA, na década de 1980, eu comecei a pensar as relações de gênero associadas às de raça. E foi interessante, não, sofrido mesmo, perceber que eu era racista, é isso mesmo, cara!!! Eu era racista, filha de mãe preta e pai branco e mesmo assim racista. E foi isso, deixei de ser vítima de uma coisa e passei a criticá-la. Eu até tive problemas de orientação de alunos da pós-graduação por isso, porque alguns queriam estudar gênero sem trabalhar as questões de raça e isso para mim não dá. É a nossa história de escravidão, raça e gênero estão juntas (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Em uma direção próxima, Jaileila Menezes vai falar sobre como as vivências de qualificação acadêmicas e a constituição familiar vão produzindo sentidos para seu posterior entendimento como feminista, ao contribuir com a produção do conhecimento em torno dos processos de subjetivação e engajamento político, vivência da sexualidade na adolescência, gravidez e maternidade. Seus interesses científicos são, também, o resultado de um doloroso processo de experiencização e agenciamento da própria história.

Eu fico pensando sobre sair para fazer o mestrado e depois o doutorado, deixar minha filha foi muito duro, ao mesmo tempo, “estudar” era uma forma de resistir ao relacionamento violento; fiquei grávida cedo, me casei cedo também, mas não abandonei a Psicologia. Eu acreditava que minha vida podia ser diferente formada. (...) Depois de um tempo pensando juventude, as mulheres jovens, acho que foi por isso. É o que temos que contribuir para mudanças, falar sobre direitos sexuais e reprodutivos, política (Jaileila Menezes, comunicação pessoal, 27 de julho de 2018).

Nesta perspectiva, a noção de experiência aborda a relação entre subjetividade, política, conhecimento e linguagem (ANZALDÚA, 2000). A experiência, por sua vez, pode apresentar-se, não apenas como uma fonte de saber, mas também, como um ponto de partida para uma outra prática acadêmica que rompe com concepções e dualismos

historicamente construídos, tais como a separação entre sujeito e objeto, o hiato instaurado nas noções de subjetividade e objetividade, ou mesmo a dicotomia entre interioridade e exterioridade (ANZALDÚA, 1999; MOHANTY, 1991).

Como efeito desta compreensão as teóricas, Sandra e Jaileila constatam que para se contrapor a uma ciência psicológica imersa em lógicas sexistas, androcêntricas e machista, que se organiza a partir da construção da separação entre pólos, tais como interior *versus* exterior, objetivo *versus* subjetivo, apresentam a experiência, implicação, compromisso social e conhecimento localizado como saídas epistêmicas, metodológicas e políticas. Assim nas palavras de Sandra Azerêdo, “é uma porta para o autoconhecimento, de você se conhecer como um ser político e que você vai entrando nisso e se redesenhando” (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Esse autoconhecimento proposto pelo feminismo, ou dito de outro modo, o movimento de atentar-se para as experiências, é em si a corporificação, a vivência, o próprio corpo. O corpo é uma forma de experienciar o mundo. Para a Psicologia, tem uma dimensão ainda mais importante já que, o corpo feminino, foi e ainda é, frequentemente, objeto do estudo e controle. Em oposição a isso, nesta proposta, ele passa a ser visto como espaço de autoconhecimento e liberdade.

As teóricas acreditam que o fazer-se e o perceber-se, acontecem, também, no diálogo com as teorias em Psicologia e com os espaços institucionais. Isso, por sua vez, não se deve ao ponto de partida da explicação, mas antes, ao que deve ser explicado, já que, são os processos experiências que constituem os sujeitos, não o contrário (Joan Scott, 1999). Consoante a isso, anseiam construir modos de produção na ciência psicológica na prática cotidiana de suas pesquisas, nas formas de compactuar e romper com os ritos da ciência tradicional, no estabelecimento dos moldes de produção/divulgação dos conhecimentos produzidos, no comprometimento com a transformação social, com especial atenção à realidade de mulheres, e na relação com os sujeitos pesquisadas/os.

Desejam compactuar e lançar mão para o desenvolvimento de suas produções a partir do reconhecimento da Psicologia enquanto uma ciência múltipla e interdisciplinar que se tensiona e reinventa. Fica evidente, também, que elas entendem que é a partir da ampliação, questionamento e ressignificação, que seria possível reconhecer a Psicologia como o *lócus* de suas falas. Mais do que reconhecer as limitações do pensamento psicológico, o que elas desejam é contribuir para a sua ressignificação e mudança de paradigma. Para isso questionam para quem ela se produz, já que compreendem que a Psicologia deixa uma lacuna quanto aos estudos acerca da raça, gênero e etnia e suas articulações na produção dos sujeitos. Para elas, é preciso corporificar a compreensão da subjetividade e do sujeito que a investiga.

Desta maneira, este sujeito que produz ciência sempre está atento aos processos relacionais, sendo parcial em todas as suas formas, em busca de um saber que está em produção. Assim, o/a pesquisador/a deve estar pronto/a para uma hermenêutica da suspeita, sendo um/a questionador/a, e possibilitando espaços para a contestação, desconstrução, agência dos sujeitos a fim de promover condições de transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ser e estar no mundo.

Sempre foi assim essa minha atitude como professora, estudiosa, cientista, só que entre aspas. Entre aspas não é ciência. Ciência, para mim é isso, é você ter contato com o mundo que não é o mundo palpável, visível, de todo dia. É você tentar questionar este mundo. Então está legal, eu sou cientista (Sandra Azerêdo, comunicação pessoal, 24 de julho de 2018).

Portanto, o conhecimento psicológico posicionado lança o sujeito em um movimento performativo que está intimamente ligado aos aspectos políticos e às implicações da produção. Ninguém fala de lugar nenhum, e cabe explicitar o algum local de partida e horizonte de chegada, cabe ao/a pesquisador/a dizer de suas posições e trânsitos. Nesta perspectiva, a parcialidade, uma produção que se compreende e anuncia

parcial, local e temporal é a única maneira de vislumbrar uma visão mais ampla, racional e posicionada (HARAWAY, 1995).

Caminham em busca de uma ciência psicológica posicionada, lançando mão do pensamento de Donna Haraway (1995), seria aquela em que o posicionamento do sujeito cognoscente, é condição *sine qua non* para a produção de um conhecimento temporário que se contrapõe à busca por uma Psicologia mais “verdadeira”. Compreendo, portanto, como parte dos discursos constitutivos das práticas enquanto produções históricas e politizadas. Para tanto, uma proposta é olhar para a experiência como um motor para a construção de sentidos e significados, a sua inscrição no mundo real, no campo científico e político (SCOTT, 1999). Nestes termos, desenvolver uma investigação a partir de experiências, é assumir uma postura ética diante de uma produção, que é, antes de tudo, localizada, atenta aos lugares de fala (RIBEIRO, 2017). O posicionamento, em uma perspectiva feminista, os códigos de inteligibilidade, solidariedade e antagonismos são postos na mesa e entram no jogo da produção científica.

Considerações Finais

A Teoria Feminista constitui uma dentre muitas das forças envolvidas no questionamento da pretensão universal e singular da ciência moderna, sendo a única forma legítima de produzir e obter conhecimento científico. Nestes termos o pensamento feminista buscam contribuir para uma reinterpretação da história da sociedade a partir do lugar social das mulheres, se atentando principalmente à presença destas nas ciências e nas organizações políticas em torno do acesso à esfera pública no ocidente. O presente artigo buscou conhecer a experiência de mulheres cientistas psicólogas feministas e compreender como estas têm integrado o campo científico, com atenção a como e por que têm produzido ciência psicológica. Em busca de trilhar caminhos para respostas, as interlocutoras desta pesquisa foram as professoras: Sandra Maria da Mata Azêredo (UFMG) e Jaileila de Araújo Menezes (UFPE).

Foi no tecer das histórias, ditas e escritas, formam teias de sentidos, e podem ser entendidas e interpretadas a partir de uma perspectiva feminista. As conclusões apontam que as cientistas investigadas têm anseios de construir outros modos de ciência na prática cotidiana de suas pesquisas, nas formas de compactuar e romper com os ritos da ciência tradicional, no estabelecimento dos moldes de produção/divulgação dos conhecimentos produzidos, no comprometimento com a transformação social, com especial atenção à realidade de mulheres e na relação com os sujeitos pesquisadas/os.

Em um movimento de invenção de si a intelectuais, constituem uma trama aberta de sentidos para a compreensão das relações sociais, dos processos de subjetivação e significação dos sujeitos em suas pesquisas. Em um exercício analítico visam estabelecer uma dinâmica entre as necessidades sociais e científicas. Convidam a pensar a prática científica em psicologia a partir da ideia de posicionalidade. Problematizar a tradição hegemônica na prática cotidiana de ensino, pesquisa e extensão, para elas, passa por um comprometimento ético com o sujeito investigado a partir da horizontalidade e do reconhecimento de que o saber só se produz em relação.

O que se materializa em uma implicação social de pesquisadoras e pesquisadoras no *campo psi*, exige posicionamentos políticos, engajamento social e dúvidas em uma persistente hermenêutica da suspeita sobre o próprio processo investigativo. Para elas, posicionamento, criticidade e saberes localizados compõe uma outra tríade epistêmica que compactua com o rigor científico e a coerência metodológica, epistemológica e ontológica que constituem os pressupostos que sustentam o processo investigativo em Psicologia.

Referências Bibliográficas

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011 .

- ANZALDÚA, Gloria.. *La conciencia mestiza. Towards a New Consciousness*. Traducciones de Irene Gon. San Francisco. Routledge. 1999.
- ARRAZOLA, Laura Suzana Duque.. Ciência e Crítica feminista. In: COSTA, A. A.; A. C. (orgs.) *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador, Redor/NEIM/UFBA, 67-76. 2002.
- AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. (2003). "Era uma vez... uma análise". *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas (20), 205-216.
- _____. (2011). *Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. v. 1. 120p.
- BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 288, 207-228. 2008.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani; LOPES, Maria de Fátima. A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista. In *Livro de Anais do Congresso Scientiarum Historia IV*, pp. 347-353. 2011.
- DIAS, Maria Odila Leita da Silva. Novas subjetividades na historiografia feminista: hermenêutica das diferenças. *Revista de Estudos Feministas*. 2(2), pp.373-382. 1994.
- FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. pp. 129-160. 1992.
- _____. Poderes e estratégias. In: Carrilho, M. Maria (Org.). *Dissidência e nova filosofia*. Lisboa: Assírio & Alvim. 1979.
- _____. *Em defesa da sociedade*, curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo, Martins Fontes.1999.
- _____. A vida dos homens infames. In: Foucault, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222. (Coleção Ditos e Escritos, IV). 2003.
- _____. O estilo da história. In: Foucault, Michel. *Ditos & Escritos VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011.
- HANISCH, Carol. *The Personal is Political*. Notes from the Second Year: Women's Liberation. 1969.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. 1995.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. *Ensaio de Antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1994.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*. 17 (49), 271-284. 2003.

LIMA, Nádia Regina Loureiro de Barros. As mulheres na ciência: o desafio de uma passagem... a passagem do privado para o público (pp. 51-66). In: C. A. A; S. C. M. B.(Orgs). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*, Salvador: NEIM/UFBA: Redor. 2002.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, Subjetividade e Identidade. *Interações*. v. VII, n. 13, p. 31-44. 2002.

MCLAREN, Margaret A. Foucault Feminismo e Subjetividade. São Paulo, *Intermeios*. (coleção entregêneros). 284 p. 2016.

MELO, Hildete Pereira de; LASRES, H.M.M. Ciência e tecnologia numa perspectiva de gênero: o caso do CNPq. In: SANTOS, Lucy W. dos. (org.) *Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina, Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR). 2006.

MENDES, Jose Manuel Oliveira. Perguntar e Observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas. *Oficinas on line*, 1-27. 2003. Recuperado em 12 de outubro de 2013 de <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/194.pdf>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. São Paulo: Editora Hucitec, 9a. ed. *Revista e Aprimorada*. 2006.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses (pp. 333-358). In: Mohanty, Chandra Talpade; Russo, Ann & Torres, Lourdes. *Third World Women and the Politics of Feminism*. EEUU: Indiana University Press. 1991.

NUERNBERG, Adriano H. Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, *Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*. 2005.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 14-19, Dec. 2007.

RÂGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História (pp. 21-42). In: P. J. M.; G. M. P. (Org.), *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora das Mulheres. 1998.

_____. *A aventura de contar-se*. feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 341 p. 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 112p. 2017.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru/ SP: EDUSC. 2001.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2), 5-22. 1990.

TABAK, Fanny. Sobre avanços e obstáculos. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Pensando Gênero e Ciência*: encontro nacional de núcleos e grupos de pesquisa. Brasília: SPM, p. 27-40. 2006.

_____. *Mulheres públicas*: participação política e poder. Rio de Janeiro: Letra Capital. 2002.

TAVARES, Isabel. A participação feminina na pesquisa: presença das mulheres nas áreas do conhecimento. In: RISTOFF, Dilvo [et al]. *Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2008.

VELHO, Léa; León, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, 10, pp. 309-344. 1998.